

Tenho fé no Brasil

BEN ABRAHAM

A atual escassez monetária que afeta o País, em virtude do repasse das altas taxas de juros pelas instituições financeiras, é uma medida planejada com a finalidade de manter a inflação sob controle. Uma política sábia, se não fosse acompanhada de certa recessão.



Os preços de mercado obedecem à lei da oferta e da procura e, como a recessão provoca artificialmente a falta de dinheiro, esse método tem por objetivo conter o aumento dos preços. Todavia, quando se trata de gêneros de primeira necessidade, notadamente os alimentícios, nenhuma recessão, por mais drástica que seja, é capaz de controlar os preços, a não ser à custa da fome e da miséria. A adoção do controle rígido dos preços dos produtos essenciais, como é sugerida por algumas correntes políticas, nunca funcionou, como já foi demonstrado em várias ocasiões. Num regime democrático, nenhum produtor, agricultor ou pecuarista pode ser obrigado a continuar com as suas atividades quando isso não lhe convém. A prática demonstrou que não existem medidas, por mais drásticas que sejam, que possam reabastecer o mercado aos preços arbitrariamente estipulados pelo governo.

Em 1929, teve início nos Estados Unidos a grande crise econômica, que durou por quatro anos. Aquela depressão foi de fato provocada pela política de monopólio, que, elevando os preços, restringiu a venda dos produtos de consumo. Dessa maneira, as indústrias foram levadas à subprodução e, conseqüentemente, à dependência cada vez maior de financiamentos. Os bancos, por estarem com as reservas esgotadas, aumentaram as taxas de juros, exigindo dos credores cada vez maiores garantias.

Esse procedimento, além de servir como freio da produção industrial, provocou o fechamento de muitas empresas, elevando, assim, a taxa de desemprego, que, chegando acima dos limites toleráveis, acionou um círculo vicioso que consistiu na maior redução de compras de bens de consumo, menor arrecadação, desemprego em massa e maiores dificuldades de os bancos reaverem seus empréstimos.

O que ocorreu há 61 anos nos Estados Unidos deve servir, hoje, como alerta ao Brasil. Sem entrar em pormenores sobre a quem cabe a culpa pela atual crise, analisaremos a melhor opção para sair da situação que está afetando praticamente todas as camadas sociais. Isso levando-se em conta que o Brasil, com suas dimensões continentais, recursos naturais e condições meteorológicas, tem todas as possibilidades de se sair bem do impasse.

Os norte-americanos souberam superar a depressão de 1929 a 1933, tornando-se a maior potência econômica mundial. Para se ter uma idéia, basta mencionar que, atualmente, a produção de cereais dos Estados Unidos ocupa o primeiro lugar mundial e é capaz de abastecer muitas nações, inclusive a União Soviética, que ainda no auge da guerra fria foi obrigada a recorrer ao seu maior adversário.

O Brasil ocupa metade do continente, cujos recursos naturais em grande parte nem sequer foram descobertos, muito menos explorados. Há terras férteis que, bem tratadas, possuem, devido ao clima, vantagens em relação aos Estados Unidos. Portanto, não devem ser poupados esforços para o desenvolvimento de infra-estrutura para a agricultura moderna, com planejamento eficaz e previamente estipulado: construção de modernos silos capazes de armazenar, em caso de necessidade, por prolongados períodos, as colheitas; ampliação dos meios de transportes, principalmente ferrovias e modernização dos portos;

Nenhuma recessão é capaz de controlar preços, salvo à custa de fome e miséria

centralização, por parte dos órgãos governamentais, da programação de produtos a serem plantados, garantindo aos produtores o repasse das suas colheitas para o consumo interno e exportação.

Incentivada, a agricultura de grande porte, da iniciativa privada ou cooperativa valorizará a mão-de-obra dos homens do campo e diminuirá a migração para os centros urbanos. Em contraste com os Estados Unidos, o Brasil nunca pretendeu resolver as questões políticas e econômicas do mundo. Assim, dedicando-se exclusivamente aos próprios interesses e problemas, tem todas as possibilidades de, não só sair da crise, mas também de se tornar no futuro o celeiro do mundo.

É verdade que o caminho não é fácil e exige muitos sacrifícios, mas tenho fé no Brasil e acredito num futuro melhor, que beneficiará todas as classes sociais.

□ Ben Abraham é escritor, jornalista e comentarista internacional.

